

# Tensões do tempo na poesia de Manuel Gusmão

*Silvana Maria Pessoa de Oliveira*  
Universidade Federal de Minas Gerais

O livro de poemas denominado *Os dias levantados* (2002) surge inicialmente como libreto da ópera de António Pinho Vargas *Os dias levantados*. O espetáculo foi encenado no Teatro de São Carlos, Lisboa, nos dias 25, 28 e 30 de abril de 1998, ano em que se comemorava o aniversário de 24 anos da Revolução dos Cravos. Como o próprio título (do livro de poemas e da ópera) deixa suposto, trata-se de propor uma reflexão acerca de uma certa temporalidade, pensada em uma dimensão que oscila entre a utopia e o pessimismo. Ressalte-se que o vocábulo “levantado”, enquanto designativo de algo estimulante, animado, alegre, engrandecido, contrasta fortemente com a fala da personagem do anjo da história que abre o poema. Visto sob um determinado ponto de vista, o poema homenageia uma data emblemática na História Contemporânea de Portugal, o 25 de abril de 1974, dia em que se comemora a queda da ditadura salazarista, derrubada pelo movimento militar conhecido como Revolução dos Cravos. Nesse sentido, *Os dias levantados* constituem a celebração coral de um povo, de uma época: assiste-se à festa da esperança, do que se acreditou *promessa de felicidade*. Nas palavras do próprio Manuel Gusmão em nota apensa ao livro: “O 25 de abril é um dia, meses, anos. É daquelas datas que se constelam, que estão antes de hoje, que hoje ecoam ainda, e que tremeluzirão no depois de hoje como a memória de uma outra possibilidade no conflito dos possíveis reais”.<sup>1</sup> No entanto, estes dias de euforia e otimismo cruzam-se com outra data significativa para a história do pensamento ocidental: a passagem do dia 26 para 27 de setembro de 1940, dia da morte do filósofo Walter Benjamin, ocorrida na localidade de Portbou, situada no

---

<sup>1</sup> GUSMÃO, 2002, p. 98.

norte da Catalunha, fronteira da França com a Espanha onde, premido pela angústia e desespero, o filósofo suicida-se. A primeira cena do poema – o diálogo, em Portbou, entre Walter Benjamin, os anjos e o coro – estabelece, de antemão, a conexão deste tempo português convulsionado com outro tempo não menos agitado, que é o ano de 1940, em plena Segunda Guerra Mundial. As passagens subterrâneas (Fiama Hasse Pais Brandão), as citações, as associações entre os dois tempos históricos constituem o nervo de *Os dias levantados*, seu principal núcleo articulador. Não será fortuito que Walter Benjamin seja o anfitrião deste espetáculo e sua principal figura tutelar.

## **Uma conversa sobre o tempo**

Na primeira parte do livro, intitulada “Prólogo: conversa de espectros sobre o vivo”, surgem as figuras que serão as personagens centrais do poema: o anjo da história, o anjo camponês, Walter Benjamin e o coro. Tais personagens constituem, por assim dizer, o ponto de sustentação do poema, que se constrói, em grande parte, em torno da intercalação de suas falas e comentários. Nesta parte o diálogo com o célebre ensaio de Walter Benjamin “Sobre o conceito de História” é mais que evidente. Deste ensaio benjaminiano retiram-se as metáforas que serão, no poema, potencializadas. São elas: o anjo da história, o salto do tigre a céu aberto, o jogo de xadrez, a boneca veneziana com o vestido turco, o anão, a tempestade. A imagem, porém, que aparece com maior poder de irradiação é a imagem do anjo. Tradicionalmente, o anjo tem por função ser mensageiro ou guardião dos deuses, já que muitas vezes anunciam a intervenção divina ou a realizam. A eles também é atribuída a função de velar sobre o mundo. No poema de Manuel Gusmão essa função de guarda parece estar claramente invertida, já que o anjo assume a condição de mera testemunha da catástrofe representada pelo momento histórico no qual ocorre a cena, ou seja, setembro de 1940. Observe-se a fala do anjo, que abre o livro:

O caminho ravinoso, as ruínas que o vento  
Do tempo empurra para aqui.  
Erguem-se cercam-te e entulham.  
O tabuleiro onde o jogo parece ter parado.  
O salto do cavalo despedaçam-se

Contra as ruínas que fecham o céu  
Riscado pelo vôo preso do tigre.  
A boneca veneziana com o vestido turco  
Jaz desarticulada. Os fios quebraram-se  
–Quebrada a mesa no poder dos vencedores;  
O anão corcunda carrega rochedos  
No “campo dos trabalhadores voluntários”.  
Eu, na tradição dos oprimidos, sei  
Que o estado de exceção é a regra.<sup>2</sup>

A referência à figura do *Angelus Novus* de que fala Walter Benjamin no fragmento número 9 do ensaio “Sobre o conceito de História” é explícita. Ressalte-se, contudo, que no poema de Manuel Gusmão o anjo posiciona-se, assume-se como sujeito que tem consciência do momento histórico que vivencia. Bem ao contrário do anjo de Benjamin que testemunha a ruína e a desolação, mas mantém-se impotente perante o curso dos acontecimentos: “Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las”.<sup>3</sup> A fala do anjo em *Os dias levantados* tem por função comentar o caos e a ruína do tempo presente. Essa voz fornece o mote para que o próprio Walter Benjamin entre em cena. Se a fala do anjo da História é, ironicamente, uma fala pessimista que tende a enxergar na História apenas a dissolução e a ruína, a perspectiva de Walter Benjamin, enquanto ator desse drama, constitui uma densa reflexão sobre o tempo, mais precisamente sobre a complexa relação entre o agora e a origem, num tom que parece beirar o otimista. Veja-se o fragmento:

Se a origem foi possível  
então será possível outra vez. Quando  
o presente, de vários futuros carregado,  
estoira.<sup>4</sup>

Contudo, o otimismo presente nesta fala de Walter Benjamin não se sustenta, o amontoado de ruínas que constitui o presente faz com que o filósofo descreia das promessas do futuro:

---

<sup>2</sup> GUSMÃO, 2002, p. 17.

<sup>3</sup> BENJAMIN, 1986, p. 226.

<sup>4</sup> GUSMÃO, 2002, p. 18.

É que não consigo ver o rosto do presente  
nem a porta estreita por onde eles esperam  
que possa passar o Messias. Nem onde  
se possa ocultar a promessa agora.  
Só posso traduzir a barbárie  
que me invade os ossos, enquanto  
o Grande Cão ladra dos dois lados da montanha.<sup>5</sup>

A figura do anjo camponês, o terceiro elo dessa cadeia, é, segundo o próprio Manuel Gusmão, referência a um poema de Carlos de Oliveira que compõe a série “Descrição da guerra em Guernica” do livro *Entre duas* memórias, de 1971.<sup>6</sup> No poema de Carlos de Oliveira, o anjo, oriundo de um universo agrário, com “seus olhos rurais” contempla a destruição e tem dificuldade em entender a natureza tecnológica do aparato bélico utilizado para o bombardeamento de Guernica pelos nazistas em 1937, durante a Guerra Civil Espanhola. Por seu turno, o anjo camponês de Manuel Gusmão é aquele que se compadece da sorte do filósofo, faz-lhe uma saudação e promete-lhe a promessa: “eu que nada posso garantir/prometo-te a promessa”.<sup>7</sup> Neste sentido, este anjo parece ligar-se específica e metonimicamente à História de Portugal, enquanto o anjo da História abre-se à representação mais genérica e universalizante de uma história geral de todos dos homens, a qual se caracterizaria por ser um rol de atrocidades, guerras e horrores. *Qual é o regime que faz em Portugal*, pergunta-lhe um desalentado Benjamin, na penúltima de suas intervenções. Sabe-se que é próprio da experiência poética desdobrar-se. No interior das falas do anjo camponês tal qual concebido por Manuel Gusmão está presente toda uma tradição poética portuguesa. Da sua voz nascem os tempos desorbitados, descontínuos, intermitentes do poema. Nele convivem, dialogam, travam embates um amplo espectro de poetas e escritores portugueses, de todas as épocas e quadrantes. Nesse sentido,

---

<sup>5</sup> GUSMÃO, 2002, p. 19.

<sup>6</sup> Eis o poema: “Entra pela janela/ o anjo camponês;/ com a terceira luz na mão;/ minucioso, habituado/ aos interiores de cereal,/ aos utensílios/ que dormem na fuligem;/ os seus olhos rurais/ não compreendem bem os símbolos/ desta colheira: hélices,/ motores furiosos;/ e estende mais o braço; planta/ no ar, como uma árvore,/ a chama do candeeiro” OLIVEIRA, 1992, p. 330.

<sup>7</sup> GUSMÃO, 2002, p. 19.

*Os dias levantados* projeta-se como pluralidade dos regimes e figuras da poesia. Trata-se, para usar uma imagem cara a seu próprio autor, de uma constelação de poemas e acontecimentos na teia simultânea e incompleta do texto. Assim é possível dar voz a Walter Benjamin no seu último dia de vida, fazer falar as inúmeras vozes que fizeram com que o 25 de abril fosse possível, reapresentar os complexos percursos históricos que constituem a História Portuguesa. O reaproveitamento poético da história dramática dos últimos dias de Walter Benjamin, pensador de uma modernidade em crise, efetivada em *Os dias levantados*, deixa entrever as possibilidades que a poesia possui de ler, reescrever e pensar não só a Filosofia, mas também a História e a cultura. E é com “palavras de muitos outros” que Manuel Gusmão realiza, no interior de seu projeto poético, uma particular e muito especial homenagem à literatura.

## **Referências**

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas* – magia e técnica, arte e política. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1986. v. 1.

GUSMÃO, Manuel. *Os dias levantados*. Lisboa: Caminho, 2002.

OLIVEIRA, Carlos de. *Obras de Carlos de Oliveira*. Lisboa: Caminho, 1992.

## **Resumo**

Reflexão acerca do livro de poemas de Manuel Gusmão intitulado *Os dias levantados*, tendo em perspectiva as noções de tempo e história nele contidas.

## **Résumé**

Il s'agit dans cette étude d'observer la notion du temps et de l'histoire dans le livre de poèmes *Os dias levantados* de Manuel Gusmão.